L.J. Smith

Contos de Diários do Vampiro

Matt & Elena: Primeiro Encontro

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

CONTOS de
DIÁRIOS do VAMPIRO

L.J. Smith

Descobriu que queria ser escritora em algum momento entre o jardim de infância e o primeiro ano. Muitos de seus livros foram inspirados nos próprios pesadelos. O primeiro romance, *The Night of the Solstice*, foi publicado no ano em que ela se formou na faculdade.

Atualmente, vive na Califórnia com um cachorro, três gatos e cerca de dez mil livros. A série Diários do Vampiro foi lançada originalmente em 1991.

série **Diários do Vampiro**

O Despertar
O Confronto
A Fúria
Reunião Sombria

série **Diários do Vampiro: O Retorno**

Anoitecer
Almas Sombrias
Meia-Noite

série **Diários de Stefan**

Origens
Sede de Sangue
The Craving
The Ripper
The Asylum
The Compelled

série **Diários do Vampiro: Caçadores**

Espectro
Moonsong
Destiny Rising

série **Diários do Vampiro: A Salvação**

Unseen
Unspoken
TBA

Contos de Diários do Vampiro

Matt & Elena: Primeiro Encontro (se passa antes da série original)
Bonnie & Damon: Depois do Expediente (se passa durante a série original)
O Sangue Dirá (final alternativo de *Reunião Sombria*)
As Árvores (se passa após *Reunião Sombria*)
Matt & Elena: Décimo Encontro no Lago Wickery (se passa antes da série original)

L.J. Smith

CONTOS de

DIÁRIOS do VAMPIRO

Matt & Elena: Primeiro Encontro

Dedicado à Red e Natalia — um doce conto de amor novo desabrochando

Um encontro... com Elena Gilbert!

Matt nervosamente abriu sua carteira de novo e contou o dinheiro. Uma sobra de dez dólares e sessenta centavos do que os seis vizinhos do beco sem saída haviam lhe dado para juntar todas as folhas de outono de cada jardim em uma gigante pilha de fogueira.

O resto tinha ido ao comprar essa nova calça casual/formal. Uma sobra de sete dólares e vinte centavos de limpar o ático e cortar grama — o resto desse dinheiro tinha sido cuidadosamente investido na jaqueta que ele estava usando nesse momento — uma jaqueta do time da escola não seria boa, não nessa ocasião, e ele tinha ouvido falar que Elena não gostava delas. Uma nota de dez dólares por ajudar o Sr. Muldoon a trocar cuidadosamente todas as lâmpadas de sua casa que o velho cavalheiro não conseguia mais alcançar.

Vinte e sete dólares e vinte e seis centavos... *mais...*

Ele virou a carteira e a puxei de seu lugar de honra especial — um compartimento escondido na lateral da carteira. E ali estava, dobrada ao meio, tão nova e com aparência jovem quanto quando seu tio Joe tinha dado a ele.

Uma nota de cem dólares.

Ele conseguia se lembrar do tio Joe — tio-avô, na verdade, mas sempre o chamou de tio, pressionando a nota em sua mente enquanto as enfermeiras estavam fora do quarto. "Não gaste simplesmente com qualquer coisa," tio Joe tinha sussurrado com sua voz áspera. "Guarde até uma ocasião especial chegar. Você saberá quando for a hora certa.

E pelo amor de Deus" uma pausa, enquanto o tio Joe tinha um longe e contestante ataque de tosse e Matt o ajudou a se levantar — "cê não ouse gastar em cigarros, certo? Não pegue esse hábito, garoto, porque só vai te trazer sofrimento."

Então Matt gentilmente abaixou o tio Joe. A tosse de espatifar vidro estava começando e Matt queria uma enfermeira para verificar o nível de saturação do oxigênio do tio Joe. Estava 85 quando devia estar 100 — talvez o tio Joe precisasse de mais oxigênio.

Isso tinha sido há exatamente dois anos e dois dias. Há exatamente dois anos de hoje, o tio Joe tinha morrido.

Matt percebeu que estava esfregando um pulso em sua coxa,

dolorosamente. Era difícil, difícil se lembrar de como tio Joe tinha ido.

Mas agora, olhando para aquela nota de cem dólares, tudo o que Matt conseguia pensar era naquele sorriso travesso do velho homem e de suas palavras ásperas, "*Você saberá quando for a hora certa.*" Sim, tio Joe soubera, não soubera? Matt teria rido até doer se o tio Joe tivesse dito à ele no *que* ele estaria gastando seu precioso dinheiro.

Com apenas quatorze, os pensamentos do jovem Matt sobre garotas e piolhos não tinham se separado completamente. Está bem, estão ele tinha desabrochado tardiamente, tinha aprendido devagar. Mas agora ele tinha recuperado. E ele iria usar sua calça nova e uma camisa passada, uma gravata de verdade que sua mãe tinha lhe dado no último Natal, e sua novíssima jaqueta casual para o mais maravilhoso evento que ele podia imaginar.

Gastar mais de cem dólares em uma noite com Elena Gilbert.

Elena... só de pensar o nome dela já o fazia se sentir como se estivesse banhando na luz do sol. Ela *era* a luz do sol. Com aquele maravilhoso cabelo dourado que flutuava até a metade de suas costas, com sua pele, da cor de flor de macieira, mesmo após a temporada de bronzeamento, com seus olhos que nem piscinas azuis luminosas e manchadas por dourado, e seus lábios...

Aqueles lábios. Junto com aqueles olhos, eles podiam virar um cara de cabeça para baixo e de dentro para fora num instante. Na escola aqueles lábios eram sempre um ligeiro beicinho de modelo, como se para dizer "Bem, realmente! Eu espero mais do que isso!"

Mas Elena não faria beicinho hoje à noite. Matt não sabia de onde tinha tirado a coragem — ele logo teria derrubado um balde de gelo na cabeça do treinador de futebol americano Simpson depois de eles terem *perdido* um jogo -, mas ele tinha conseguido chegar e convidá-la para sair. E agora, com a nota de cem dólares do tio Joe, ele iria levar Elena Gilbert em um encontro de verdade, para um restaurante francês de verdade: um encontro que ela nunca esqueceria.

Matt olhou aguçadamente para o relógio. Hora de ir! Ele certamente não poderia se atrasar.

"Ei, mãe! São quinze para as sete. Estou caindo fora!"

"Espera, espera, Matt!" A Sra. Honeycutt, pequena e redonda e

cheirando à biscoitos, veio quase correndo pelo corredor. “Indo embora sem ao menos me deixar vê- lo?” ela repreendeu, seus olhos brilhando. “Quem passou essa camisa, posso perguntar? Quem ouviu falar da liquidação de jaquetas em primeiro lugar?”

Matt deu um fingido grunhido e então ficou parado, corando genuinamente, enquanto ela olhava para ele.

Finalmente, a Sra. Honeycutt suspirou. “Eu tenho um filho muito lindo. Você parece com o seu pai.”

Matt conseguia se sentir ficando um vermelho ainda mais profundo.

“Agora, você vai usar o seu sobretudo—"

“É, é claro, mãe.”

“Tem certeza de que tem dinheiro o bastante?”

“Sim!” Matt disse. *Sim!* ele pensou jubilantemente.

“Quero dizer, essa menina Gilbert, você ouve todo o tipo de coisas sobre ela. Ela sai com garotos de faculdade. Ela espera a lua em seus encontros. Ela não tem pais para supervisioná-la. Ela—"

“Mãe, eu não ligo com quem ela saiu; eu tenho um monte de dinheiro; e ela vive com a tia dela — como se fosse culpa dela que os pais dela morreram! E se eu ficar parado aqui mais um minuto, eu vou acabar recebendo uma multa por ultrapassar a velocidade! ”

“Bem, se você apenas me deixar achar a minha bolsa, eu te dou dez dólares, para você estar coberto, só por precaução—"

“Sem tempo, mãe! Noite!”

E ele estava na garagem, cheirando os cheiros familiares de graxa e óleo e ferrugem e mofo.

Seu carro — bem, ele meio que esperava que Elena não olhasse para seu carro. Ele a tinha empurrado para dentro e para fora dele. Era apenas uma coleção de partes variadas de sucata que Matt tinha de algo modo arranjado para acoplar no esqueleto dos destroços do de seu pai e fazê-lo virar um veículo. Em sua própria mente, ele se referia à ele como “Pilha de Lixo”. Mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito, então ele apenas esperava que Elena não visse muito na escuridão. Ele tinha o caminho para o Chez Amaury memorizado, para que ele não precisasse acender a lâmpada interna.

Ai meu Deus!

Essa era a rua dela. Ele já estava aqui! Com um tipo de

engolidela arfante que não conseguia evitar, Matt soltou seu colarinho um pouco enquanto virava. Ele sentia como se estivesse se afogando.

Está bem. Engole. Do lado de fora da casa dela. Tirando da ignição. Tirando as chaves.

Está bem. Engole. Chaves no bolso. Do lado de fora da porta da frente.

Está bem — arfa — dedo na campainha. Matt passou cerca de um minuto tomando coragem e então se forçou a apertar o pequeno botão redondo.

Sinos distantes...

E então ele olhava para a mulher magra e um tanto comum, que lhe deu um sorriso brilhante e disse, "Você deve ser o novo par de Elena. Entre, entre. Ela ainda está lá em cima, você conhece essas meninas..."

A mulher parecia tão hospitaleira e bondosa quanto sua própria mãe, e ela fez tudo que pôde para deixá-lo confortável. Mas eventualmente houve uma pausa na conversa que não pôde ser ignorada.

"V-você é a tia Judith da Elena, não é?" Matt conseguiu dizer.

"Sim! Ah, não me diga que eu esqueci de me apresentar novamente! Sim, vá em frente e me chame de tia Judith como todo o resto. Aqui, vou pegar uns salgadinhos ou algo enquanto você espera. Essas meninas, sabe. EH-ZE/-NAAA!" Ela se apressou enquanto Matt contraia-se e se impedia resolutantemente de cobrir suas orelhas.

"Aqui está; um pouco de Fritos[1]," tia Judith estava se apressando com uma tigela. Mas os olhos de Matt não estavam nela. Eles estavam na visão em azul descendo a escada.

Matt tinha ouvido falar de algo ser tão maravilhoso que lhe exaustava os olhos, mas ele nunca imaginou que ele iria realmente ver algo parecido com essa metáfora em carne e osso. E, no entanto, aqui estava, na frente dele, descendo a escadaria.

Elena era um anjo.

Isso era o que esse vestido de algum jeito implicava. Era... bem, Matt não sabia os nomes certos para tais coisas, mas era se alça e meio que seguia as curvas dela no topo. A cor é um pálido azul-

prateado que o fazia pensar na luz do luar na neve. A parte de cima era bordada com algum tipo de miçanga clara, e havia uma flor prateada em um ombro. A cauda do vestido era camadas e camadas de algum material transparente — chiffon? — e as camadas espumavam e borbulhavam até os joelhos de Elena. Suas lindas pernas compridas pareciam ainda mais compridas e lindas do que o normal, e ela estava usando um adorável sapato de salto alto prata com flores que combinavam com seu vestido.

Elena sorriu para ele enquanto descia a escada e por apenas um instante Matt pensou em todos os outros caras para os quais ela tinha sorrido daquela maneira. Descer daquela escada toda arrumada era uma circunstância normal para ela, sorrir para um cara era uma coisa do dia-a-dia. Mas então Matt despachou o pensamento de sua cabeça. Ele e Elena teriam uma noite maravilhosa juntos. Hoje à noite aquele sorriso era só para *ele.*

"Escute, eu quero que tenha certeza de se manter aquecida—" tia Judith começava, quando Elena, nunca tirando seus olhos dos dele-, disse, "Olá, Matt."

Sua voz era doce, com apenas um traço do sotaque sulista que demorava-se em seus ouvidos. Fazia tudo que ela dizia soar como um segredo que ela estava contando somente à *você.*

Algo ficou preso na garganta de Matt. Ele não conseguia fazer uma palavra sair, não enquanto ele estava tão perto dela, tão perto que conseguia sentir seu perfume. Ela cheirava a rosas no verão, e à lavanda de um baú velho. E também à... outro cheiro que devia ser sua fragrância natural, *eau de Elena.* Matt estava feliz por ter raspado a sujeira e graxa de suas unhas com uma escova de dentes e esfregado o resto de si mesmo até ficar vermelho como uma lagosta em um esforço de se livrar os cheiros do carro velho e do ático mofado.

Mas ele ainda não tinha falado. E então de algum modo, o velho tio Joe, que parecia viver no bolso traseiro de Matt, deu-lhe uma bofetada e as palavras, "Você está linda, Elena," saíram apressadas.

Ela realmente estava linda. Sua pele era como pétalas de magnólia, mas sempre com aquele fraco tom de rosa sobre suas bochechas. Ela não estava usando maquiagem visível à Matt — mas como se poderia saber nos dias atuais com as garotas? Seus cílios eram longos e espessos e escuros e pareciam quase pesados demais

para suas pálpebras — como se, Matt admitiu a si mesmo, ela estivesse ligeiramente entediada com o que via. Mas os olhos que eles enquadravam estavam vivos com uma chama ávida por vida. Eles realmente *eram* azuis com pequenos salpicos de dourado puro aqui e ali neles. Os lábios dela, contudo — é, ela estava usando batom. Ele não sabia qual era seu nome, mas devia se chamar Convite à Ataque Criminoso.

De repente Matt congelou. Havia um som de risadas próximo — sons múltiplos de risadas — e eles não vinham de Elena. Ele se virou ligeiramente e viu, sim, o Top Quatro, as garotas mais desejadas da escola Robert E. Lee. As melhores amigas de Elena. Elas pareciam um arco-íris.

A morena Meredith Sulez, usando algo de aparência confortável em lavanda, olhou para ele e sorriu. Caroline Forbes, vestida mais formalmente em turquesa — talvez ela fosse sair num encontro também? — sorriu tolamente e jogou sua cabeça morena. E a delicada e diminuta Bonnie McCullough, a ruiva bonitinha em verde claro, escondeu sua boca com seus dedos, ainda rindo.

O trabalho delas, obviamente, era fazê-lo passar por um desafio.

"Ei, garotas," — era Caroline, "ele parece ansioso para mim."

Meredith: "Então ele não pode sair com ela. Ninguém deve deixar Elena ansiosa—"

Bonnie: "Ele não pode sair com ela de qualquer jeito. Ele não pediu a nossa permissão!"

Caroline: "Eu acho que *eu sairei* com ele ao invés. Ele e eu temos história e ele é bonitinho!"

Meredith: "Bonitinho? Ele é delicioso! E um zagueiro, também. Apesar de não ter crescido completamente ainda."

Caroline: "Ele deveria comer mais carne."

Bonnie: "Ele tem cabelo loiro *e* olhos azuis. Exatamente como um conto de fadas."

Caroline: "Eu digo para sequestrá-lo e ficarmos com ele para nós mesmas."

Meredith: "Tudo depende de como ele implorar por isso."

Implorar? Matt pensou. O que elas vão me forçar a fazer, ficar de joelhos?

Elena, que vinha calmamente colocando uma jaqueta bolero azul-prateada e checando seu rosto em um pequeno espelho de bolsa, agora fechara o espelho com força.

"Elas são uma moléstia," ela disse à Matt, acenando para as três garotas. "Mas é mais fácil se você simplesmente pedir a permissão delas para me levar para sair. É o que elas querem, mas se não nos apressarmos vamos nos atrasar. Tente florear, também; elas gostam disso."

Florear? Fazer um discurso com floreios na frente de três das mais ferozes críticas de caras que a raça humana já produziu? Enquanto Elena escutava?

Matt limpou sua garganta, engasgou, e sentiu um tapa afiado por trás. O tio Joe ajudando-o novamente. Ele abriu sua boca sem ideia do que iria dizer. O que saiu foi:

"Oh mais belas flores da noite... ajudem-me nesse difícil açoite!

Por favor, deixem-me roubar essa rara flor — cuidar dela com atenção de um devotador

Eu preciso implorar pela sua bondosa aprovação

Antes de me arriscar a tomá-la com a rapidez de uma ação."

Houve um silêncio profundo. Por fim Caroline sacudiu seu cabelo cor de bronze e disse, "Suponho que tenha inventado tudo antes. Terry Watson, o linha média[2], te contou. Ou aquele outro cara no time de dutebol americano — qual o nome dele—"

"Não, não contaram," Matt disse, reunindo sua coragem de dois lugares: seu bolso traseiro, e sua longa amizade com Caroline Forbes. "Ninguém me contou e eu não planejo a mais ninguém. Mas se não sairmos daqui, *agora*, chegaremos atrasados. Então, posso levá-la ou não?"

Para sua surpresa, todas as garotas começaram a rir e aplaudir. "Nós dizemos: sim!" Meredith gritou, e então todas estavam gritando, e Bonnie lançou-lhe um beijo.

"Só uma coisa," tia Judith disse. "Por favor me digam onde estão indo hoje à noite, no caso de — bem, *você* sabe."

"É claro," Matt disse, sem olhar para as garotas. "É no *Chez Amaury*."

Houve um farfalhar acima dele, murmúrios em cadências diferentes, o essencial disso sendo, "Uau!"

Elena disse suavemente, "É um dos meus preferidos."

Um de seus preferidos. Matt se sentiu encolhendo — então, com um chute na bunda do tio Joe, se endireitou e se sentiu melhor. Pelo menos ele tinha escolhido um restaurante bom.

E então, antes de Matt perceber o que estava acontecendo, ele estava sendo empurrado para fora da porta. E então ele estava sozinho na varanda... com Elena.

"Sinto muito quanto à esse circo," ela disse em sua voz suave e gentil, olhando para cima para ele como uma garotinha. "Mas elas insistem em fazer isso com todos os garotos novos. É realmente juvenil, mas começamos isso no ensino fundamental. O seu foi o melhor poema que eu já escutei."

Quem poderia ficar bravo com ela? Matt a escoltou ao carro e abriu a porta do passageiro para ela o mais rápido que conseguiu e a assentou. Então ele correu ao redor para seu lado da Pilha de Lixo e ele próprio entrou.

"Então," Elena disse após ele ter virado para longe da cidade, "vamos à algum lugar antes do restaurante?" Ela falou sem ao menor parecer ver — ou cheirar — nada de estranho no veículo.

"É, a nossa primeira parada — é um segredo. Acho que talvez cheguemos lá às sete e meia. Espero que goste."

Pela primeira vez, Elena riu em voz alta, olhando para ele de lado. E a risada era quente e genuína e como um bálsamo calmamente para todos os sentidos de Matt. O olhar foi rápido, inteligente e alegre. "Você é simplesmente cheio de surpresas," Elena disse, e para a surpresa *dele*, ela deslizou uma mão elegante e fria na sua.

Matt não conseguira explicar a sensação então. Era simplesmente como raios flutuando dos dedos gelados dela para a palma dele e pelo seu braço acima e então para cima até que fritou seu cérebro com um milhão de volts.

Era a melhor coisa que já tinha acontecido a ele.

Era também uma sorte que seu carro sabia o caminho para a loja de flores sozinho, porque seu cérebro definitivamente não estava lá para dirigi-lo. Elena falava sem tagarelar, e sem deixar nenhuma pausa constrangedora quando ele tinha que engolir ar. Ela falava sobre a decoração do Baile de Outono, contou uma história divertida sobre como, enquanto tentava desenredar os refletores coloridos

para o Baile, ela tinha acabado ficando presa nas estantes, e terminou com uma piada genuinamente engraçada, que não era vulgar ou humilhava qualquer cultura, raça ou sexo.

Matt Honeycutt se apaixonou.

Ele não percebera que nunca tinha se apaixonado antes: só tivera paixonites. É claro que qualquer um podia ter uma paixonite por Elena, do modo como abelhas eram atraídas para flores. Ela exalava feromônios; ela se adequava à imagem perfeita de garota perfeita que de algum modo serpenteava nos genes de cada garoto caucasiano, ou que de algum outro jeito estava propagandeada neles quando tinham três anos de idade. A beleza de Elena era perfeita, absolutamente sem defeitos. Mas se era só até aí que você chegava, você não estava falando de *amor*.

Amor era quando você conhecia a garota por trás da máscara — e ele tinha certeza de que iria fazê-lo agora. Amor era quando você via o mundo através dos olhos de uma jovem inocente, alegre e divertida, o que ele não conseguia evitar fazer quando ela falava. É claro, ela era meio convencida, mas como ela poderia não o ser, do jeito como todos tratavam-na? Ele não achava que era uma coisa tão ruim. Ele *queria* mimá-la.

"Está bem," ele disse. "Estamos chegando na primeira parada. Feche os olhos."

Elena riu. O próprio som de sua voz era como a canção de um passarinho. Matt saiu do carro.

E então seu coração começou a martelar — e não de um jeito bom. A porta para A Florida estava fechada e suas janelas estavam escuras. Ele tinha planejado tudo de antemão, até mesmo tinha pagado de antemão por uma única rosa branca. Ele iria dá-la à Elena, com uma única folha de samambaia macia atrás e um ramo de mosquitinho na frente — e ele tinha até mesmo pedido para ela ser amarrada com um laço azul!

E agora — a porta não abria sob sua mão que puxava com violência. Ele tinha perdido muito tempo. Ele tinha estragado isso. Os floristas tinham ido embora, e nem tinham ao menos deixado a sua rosa em um caixa perto da porta.

Matt não sabia como teve coragem de voltar para o carro novamente.

Mas Elena sorria para ele, seus olhos abertos.

"Elena, eu sinto muito — eu — só—"

"Não é culpa sua — é minha por atrasá-lo. Ah, Matt, eu sinto tanto! Mas isso não é um baile. Você não precisava me comprar flores."

Matt abriu sua boca para contar a história da rosa branca, então fechou-a novamente. Ele queria tanto contar à ela, mas isso não faria ele parecer ainda mais patético? No fim ele cerrou seus dentes e disse com uma voz que tentou fazer soar leve,

"Ah, era só um negócio que eu ia pegar para você. Não importa. Talvez eu tenha outra chance hoje à noite."

"Pelo menos estamos certos no horário agora?"

Matt olhou para seu relógio. "É, por pouco. Certifique-se de que está com seu cinto."

E então Matt teve uma experiência única na vida: ver Elena ficar confortável. De primeira, ela não disse nada, não fez nada, só se sentou um pouco mais para frente, sorrindo para mostrar que gostava da música que estava tocando. E então, quando ele conseguiu passar a bola de decepção garganta abaixo e engoli-la, ele percebeu que ela estava olhando para *ele* e sorrindo. E ele não conseguiu evitar sorri de volta.

"Ei, vamos chegar na hora," ele disse, e ele percebeu que estava dizendo isso alegremente. A noite tinha só começado. Podia haver vendedores ambulantes de flores no *Chez Amaury*. Ele compraria para ela todo um buquê de flores. Como ele podia ficar infeliz quando a incomparável Elena Gilbert estava com ele?

Eles entraram no estacionando às 19h59, cintos já tirados enquanto cruzavam até o serviço de valet. Matt apressadamente deu sua chave para um motorista do serviço de valet, e tentou virar-se antes que pudesse ver a reação do homem ao carro de Matt.

Ele não se virou rápido o bastante. Mas ele não viu nenhuma repulsa, nenhum escárnio de nojo no rosto do valet. Ao invés, ele viu fascinação. Seguindo o olhar do motorista do serviço de valet, ele viu uma figura magra e oscilante em azul esperando por ele.

Foi aí que Matt soube que sua sorte tinha mudado. Elena tinha escolhido usar só o bolero que combinava com seu vestidinho maravilhoso. Ela devia estar congelando, mas ela estava espetacular.

Ele deslizou ao redor dela e segurou a porta aberta para ela e ambos entraram no interior turvo e aveludado do *Chez Amaury*.

O empregado que os levou até sua cabine era metido. Ele sorriu graciosamente e um tanto admiravelmente para Elena, mas quando seu olhar virou-se para Matt ele meramente torceu o nariz e pareceu sarcástico.

Não importava. Eles estavam numa bolha de seu próprio mundinho juntos, Matt e Elena, e tudo estava certo. Matt nunca fora muito bom em falar com garotas. Ele se safava ao ser um campeão em escutar. Mas de algum modo Elena extraia palavras dele sem ao menos parecer tentar. Ele gostava de falar com ela. Ela era divertida. As palavras dela... brilhavam.

E ela tinha uma força de vontade de ferro atrás daqueles olhos da cor do céu e daquela pele de flor de magnólia. Quando o garçom particularmente de modo deliberal lhes deu seus cardápios, murmurando algo sobre álcool e identidades, Elena soltou uma artilharia de francês que teve o efeito de fazer o homem rastejar — quase fugir — para longe.

"Eu estou estudando francês para o próximo verão," Elena contou a ele, alegremente observando o garçom sair. "Eu já consigo insultar as pessoas muito bem. Eu perguntei a ele por que ele foi chutado da França, onde todos da nossa idade bebem vinho."

"O que vai acontecer esse verão?" Matt perguntou.

"Eu vou para a França. Não é nenhum intercâmbio; é só algo que eu queria fazer. Para acabar com o tédio, eu acho." Ela lhe deu um sorriso que pareceu transformar o mundo todo em um deslumbre. "Eu odeio ficar entediada."

Não seja um entediante. Não seja entediante. O comando foi declarado em voz alta no cérebro de Matt enquanto Elena começava a contar uma história, enquanto seus processos de pensamentos superiores estavam em um redemoinho de confusão.

Ela é tão linda... delicada, como porcelana fina... seu cabelo como olho velho no restaurante obscurecido... e à luz das velas seus olhos são quase violetas — com dourado respingado neles. Jesus, eu consigo até mesmo cheirar o perfume dela nessa cabine pequena — eu acho que nos deram a pior que tinham... mas ainda é bastante impressionante para *mim*.

Elena terminou a história e começou a rir. Ele riu com ela, incapaz de se impedir. A risada dela não era aguda; não era penetrante; era tão melodiosa quanto um riacho contorcendo-se para dentro e para fora de uma clareira na floresta. Uau, veja só isso, isso foi quase poesia, Matt pensou. Ele devia contar-lhe que tinha escrito um poema de verdade sobre ela em casa? Nem, ele apostava que uma dúzia de outros caras tinha dito isso à ela.

"Mas eu que fiquei só falando," Elena disse, com uma pequena olhadela de lado como se para dizer, *E você ficou só encarando.* "Conte-me sobre você."

"E-eu? Bem — eu sou só um cara normal."

"Cara normal! Zagueiro e ganhou um prêmio de maior destaque numa partida pelo time de futebol americano. Diga-me como é quando você ganha um jogo lá, com todos gritando e torcendo."

"Hm..." Em todos os seus anos jogando futebol americano, ninguém nunca tinha perguntado isso a ele. "Bem—" Havia algo de errado com ele; ele ia ser honesto. "Hm, bem... Na verdade, parece bastante com isso!"

"Com comer pão francês em um restaurante?"

"Ah..." Matt não tinha nem percebido que havia pão. Ele tinha perdido completamente ele sendo colocado. Agora ele quebrou um pedaço e espalhou abundantemente manteiga, se lembrando repentinamente que não tinha comido nada de almoço.

Elena o observou com divertimento sobre um copo de água com gás.

"Eu achava que vocês do futebol americano não podiam comer manteiga," ela disse, cintilando seus olhos para ele. É, era isso. Ela conseguia fazê-los cintilar quando quisesse! Que habilidade!

"É um dos quatro grupos alimentares," ele a informou seriamente, esperando que ela não achasse que ele era louco... "Açúcar, sal, gordura e chocolate."

"—e chocolate!" sua voz aderiu à conversa com a dele enquanto ele terminava. Ambos riram novamente juntos.

Isso era tão fácil. Era como estar com o seu parente favorito, só que melhor. Você podia dizer qualquer coisa, não importava o quanto era idiota, e não importaria. Ela transformava isso em algo

genial. Ele nunca tinha se sentido assim com outra garota.

O garçom voltou, mas Elena acenou para que ele fosse embora com uma mão lânguida. Ela não estava nem um pouco intimidade pelo cara. Matt acrescentou "coragem" a lista das virtudes dela.

De repente ele teve arrepios. Esse ano ele teve que pegar uma aula de teatro para preencher seu horário, e eles estavam fazendo "Os Dois Cavalheiros de Verona." Matt simplesmente não conseguia entender a peça. Talvez porque a atriz para Sylvia fosse Caroline Forbes, que na quarta série tinha beliscado à si mesma e então corrido para dizer à professora que Matt o fizera. Mas agora, olhando para Elena, palavras da peça — fraseamento perfeito — vieram à sua mente:

Quem é Sílvia? O que ela oculta
em si, pois tudo a exalta?
Ela é pura, bela, culta
e, como não tem falta,
qualquer moço, ao vê-la, exulta.

Quem é Elena? ele pensou. O que ela oculta? Que todos os caras a exaltam? Pura, bela, e culta ela é, que como não tem falta, qualquer um que a vê a exulta...

Ah droga, agora eu estava ficando *realmente* sentimental, Matt pensou. Isso era horrível. E pelo que ele tinha ouvido, Elena não era muito pura, tampouco, mas ela certamente parecia um anjo.

"Matt, pode me dizer uma coisa?" Elena perguntou, seu dedo traçando uma pequenina falha na toalha de mesa.

O coração de Matt pulou. Ele tinha perdido os últimos minutos de conversa. "Claro, o quê?" ele disse.

"Qual o lance dos garotos e carros? Por que eles são tão a fim deles?"

Por um momento Matt corou. Só de pensar em seu esqueleto de carro velho e batido o fez se perguntar se ela estava caçoando dele.

Mas ela não estava. Seu rosto estava perfeitamente sério. Ela parecia ter esquecido que tipo de carro ele tinha e estava perguntando uma pergunta geral sobre todos os caras.

"Bem" — ele teve um impulso de esfregar a parte de trás de seu

pescoço, mas não o fez. “Carros são... o carro ideal... hm...”

“Me pergunto se de algum modo remete aos tempos dos cavalos,” Elena disse, inclinando sua cabeça.

De repente neurônios se acenderam no cérebro de Matt. “Ei — isso é — bem, podia ser — para mim, pelo menos. Eu passei alguns anos em uma fazenda quando era criança — sabe, só uma fazendinha antiquada, mas tinha cavalos. E atrás do estábulo onde *seus* cavalos eram mantidos, tinha um estábulo de cavalos de puro-sangue, cavalos de corrida, certo?”

Ela concordou e ele suspirou.

“Eu simplesmente amava assistir aqueles puros-sangues se movimentando. Eles eram a coisa mais bonita que se pode imaginar — para animais, quero dizer,” ele acrescentou apressadamente.

“Por que eles eram bonitos?”

“Bem — simplesmente — eu não sei. Eles eram simplesmente incríveis. Eles tinham essas compridas pernas delicadas, e aquelas cabeças que estavam sempre no ar, com aquelas crinas sempre jogadas e flutuando. Eles se moviam de uma maneira que eu simplesmente não consigo descrever — meio que sempre preguiçosamente, mas você conseguia simplesmente *afirmar* que eles tinham bastante energia confinada dentro deles, também. Como se eles *quisessem* correr o mais rápido que podiam, para sempre.” Matt alcançou sua coca, percebendo de repente que estivera falando por um tempão. “Desculpa, me empolguei um pouco ali. O que eu quero dizer é que cavalos são velocidade, assim como os carros. E eu acho que essa é uma das razões porque eu gosto de pensar neles.”

“Não se desculpe. Eu achei que isso foi realmente fascinante.” Elena disse, e ele percebeu que ela estava dizendo a verdade, que ela *estava* interessada. Ela estivera segurando um pedaço de pão em sua mão, esquecido.

“Obrigado por escutar,” Matt disse. “Eles... certamente eram lindos.” Sua voz ficou presa em algum lugar de sua garganta enquanto ele olhava para a linda garota bem na sua frente.

“Então velocidade é uma parte do porque,” Elena disse, sorrindo para ele, suas bochechas ficando rosa à luz das velas.

“Velocidade, é. Como quando eu dirijo um carro melhor do que aquela Pilha de Lixo lá fora — como um conversível, e eu abaixo o

teto, e eu dirijo realmente rápido numa via livre ou ao redor de curvas repentinas do topo do monte. Às vezes, de algum modo, você sente como se fosse *parte* do carro e ele fosse parte de você. É como voar."

Matt parou, repentinamente, atordoado com confusão. De algum modo em sua animação ele tinha pego a mão de Elena e a estava apertando, com pão e tudo. Ele se sentiu corar e ele ia devolvê-la onde a tinha pego, quando Elena apertou seus dedos calorosamente e então ela mesma a retirou. Obrigado, Deus, pelo pão não ter tido manteiga.

"Então há mais alguma coisa sobre 'carros realmente bons'?" ela perguntou, quase provocando, mas nunca quebrando o contato visual com ele.

"Bem, há — há uma coisa"- *ele* teve que quebrar o contato visual com *ela* para dizer isso- "há algo meio que físico sobre dirigir um carro que o deixa sentir cada protuberância na rua. Quando você faz parte disso — e é só você lá fora sentindo o ar e o chão — é meio que — físico, sabe? Meio que — sexy."

Ele estava quase com medo de olhar para ela, então. Mas uma risada ondulante o fez corar e então duas mãos quentes pegaram as dele. "Ora, Matthew Honeycutt, você está corando! Mas"- em uma voz repentinamente séria- "eu acho que sei o que você quer dizer. Você quer dizer algo que eu senti com carros — mas nunca fui capaz de descrever."

Ela continuou falando, mas Matt não estava nem mesmo mais no cômodo. Ele estava circulando o sistema solar em algum lugar ao redor do planeta Netuno e cometas e asteróides estavam navegando ao redor dele, golpeando-o na cabeça de vez em quando.

Quando ele voltou ela estava rindo sobre uma experiência com parasailing[3] que tinha tido uma vez quando os marinheiros tinham acidentalmente deixado-a cair na areia e não na água. "Mas antes disso," ela disse. "Foi perfeito. Só o vento correndo, com a grande e azul baía debaixo de mim, e a sensação de viajar — rapidamente — no ar. Quase como ser um pássaro. Eu gostaria de ter asas."

"Eu também!" Matt revelou. Se seu coração pudesse bater mais forte, bateria. Mas já estava em seu limite máximo. "Eu adoraria fazer parasailing. Isso deve ter sido incrível." Ele olhou para seu prato. "Para dizer a verdade, eu acho que a coisa mais incrível que já

aconteceu *comigo* foi... hoje à noite."

Imediatamente, a risada zombeteira de Elena o cortou para inspecioná-lo — mas isso não estava acontecendo. Elena não estava rindo. Ela estava olhando para baixo para seu redondo prato branco e corando. Então ela ergueu sua cabeça e Matt poderia ter jurado que havia uma camada de lágrimas não derramadas em seus olhos.

Mas ela balançou seu dedo de um modo erudito. "Não seja tolo, Matt. E quanto ao jogo contra os Bullfinches, quando você deu um passe para o touchdown a 45 metros? Ora, isso foi incrível ou foi incrível?"

Matt olhou espantado para ela. "Você *gosta* de futebol americano?"

"Bem, aí você me pegou. Eu não gosto de todos os ferimentos, e eu não gosto da maioria dos atletas. Mas meu pai — ele foi um tight end[4] na Clemson[5], e ele os ajudou a vencer a Orange Bowl[6]. Então eu simplesmente tive que aprender sobre isso. Papai tem um monte de recordes, sabe, maior números de passes pego em um jogo, maior número de passes pego numa temporada, maior número de touchdowns pegos em uma temporada, maior número de touchdowns pego em uma carreira—"

Matt se encontrou encarando. "Por que ele não se tornou profissional? Ou ele se tornou?"

"Não, ele começou um negócio, ao invés. Mas ele me deixou seus instintos de futebol americano."

Matt se forçou a rir. Ele não sabia como estava se sentindo. Seu coração estava levantando voo em doze direções diferentes de uma só vez. Mas de algum modo ele se fez parecer zombeteiramente austero e balançou um dedo de volta para ela. "Bem, eu aposto que você não sabe sobre o *meu* real momento de glória," ele disse. "Estávamos jogando contra os Ridgemont Cougers e o placar estava empatado e eu estava desesperado. O tempo estava passando e eu de repente tive essa louca e grandiosa ideia, e eu—"

"Correu para a direita para fingir dar a bola para Greg Fleisch, o linha média," Elena interrompeu suavemente. "Mas você continuou com a bolsa e correu — e correu — e correu para fazer um incrível touchdown logo antes de quatros dos Cougers o atacarem de uma só vez."

"É; eles quebraram a minha clavícula, também," Matt disse, sorrindo. "Mas eu nem senti. Eu estava alçando voo em algum lugar acima das nuvens."

"As pessoas gritavam e beijavam e jogavam coisas," Elena disse. "Até mesmo os fãs dos Cougers ficaram loucos. Um deles me agarrou e tentou me dar um beijo de língua."

E eu aposto que a mente *dele* não estava no jogo, Matt pensou, e se surpreendeu ao dizer, "Diga-me o nome dele que eu quebro a mandíbula dele."

"Ah, eu já o chutei na perna," Elena disse calmamente. "Recuei, para que conseguisse arranhar toda a tíbia com o meu salto." Ela acrescentou o último com um sorrisinho doce que um Inquisidor Espanhol — o próprio Torquemada, talvez — teria invejado.

"Bem, é melhor eu impedir que você fique brava comigo," Matt disse, e Elena riu novamente, mostrando até mesmo seus dentes branco perolados.

"Eu não acho," ela disse, "que *qualquer pessoa* consiga ficar brava com *você* por muito tempo."

Matt não sabia o que dizer. Todos aqueles idiotas, ele estava pensando. Todos aqueles perdedores que só queriam ter encontros com ela por causa de sua aparência, estão simplesmente perdendo toda a porcaria do ponto. Claro, ela é linda, mas mais importante, ele é tipo... a pessoa mais perfeita do mundo: inteligente, e genial, e... bem, simplesmente perfeita. O jeito como ela torna tudo fácil, e como ela te faz sentir tão bem sobre si mesmo, e...

Matt teve um impulso louco de ficar de joelhos e pedir para ela casar com ele bem ali e agora.

Então ele explodiu em risos pelo absurdo de tudo isso. Ele ia dizer algo quando alguém atrás dele tossiu com premeditada malícia.

"O Monsieur et Mademoiselle estan pensande em pedrr nesse momente?" o garçom rangeu os dentes, obviamente irritado.

"Eu acho que já está na hora de olhar os nossos cardápios," Elena disse, colocando sua mão sobre sua boca não exatamente escondendo uma risada.

"Estaremos prontos em alguns minutos," Matt disse, em seu tom de liberação mais principesco.

O garçom quase saiu pisando furiosamente.

Matt olhou para Elena. Ela olhou para ele sobre sua mão enroscada e então os dois riram histericamente, lutando para respirar.

"Coitado," Matt disse.

"Ah, bem," Elena levantou suas sobrancelhas indiferentemente. "Ele é só um garçom, afinal. Ele é pago para esperar[7]."

Essa foi a primeira vez que Matt vira o lado "Princesa do Gelo" de Elena Gilbert, e ele não sabia o que achava disso. Mas, ele achava, que se Elena fosse realmente perfeita, ela não seria humana. E se alguém na Robert E. Lee tinha direito de ter uma atitude como aquela, Elena Gilbert era a pessoa.

"Vamos?" ele disse e lhe passou o cardápio.

"Absolutamente," Elena disse em uma zombaria das maneiras do século XIX, e eles abriram os cardápios.

Apesar de todas as suas preparações, os preços ainda tiraram o fôlego de Matt. Um New York steak[8] era $39. Mas se Elena pedisse o steak, ele pediria o frango, que era só $23. Isso daria $62. As entradas vinham com vegetais, mas havia também aperitivo a considerar. Ele poderia sugerir que eles dividissem a salada de espinafre, que era só $10. Isso daria $72. Então mesmo se ela quisesse sobremesa, ele teria o bastante para satisfazê-la — mas espera, havia as bebidas. Ele tinha pedido duas; ela uma. Aquela água com gás era $7 a garrafa — cada coca era $2. E a taxa. E a gorjeta. E a gorjeta do valet.

Bem, ele teria simplesmente que ber água normal de agora em diante, e esperar que Elena talvez não quisesse tanto o aperitivo quanto a sobremesa.

"Com o que quer começar?" Elena sussurrou. "Eu geralmente gosto de meia Caesar salad. Eles fazem na sua mesa aqui. É realmente boa."

Matt concordou vigorosamente para que não tivesse que olhar nos olhos dela. E pelo menos era só uma salada, por quinze dólares. Ei, espera! Ele sabia. Havia um tipo de salmão defumado na lista de aperitivos. Ele podia pedir isso de entrada — Matt sabia que se podia fazer isso — e seria somente seis dólares. Ele simplesmente faria um sanduíche para si mesmo quando ele chegar em casa. Tudo iria ficar bem.

O garçom estava de voltando, parecendo mais esnobe do que nunca.

Matt falou em voz alta, "Eu- eu quero dizer nós- nós- gostaríamos de meia—"

"Nós vamos dividir uma salada Caesar," Elena disse calmamente, mal olhando para o garçom. Ela sorriu para os olhos de Matt. "Certo?"

"Isso mesmo," Matt disse entusiasticamente.

Quando o garçom andou arrogantemente para longe, o sorriso de Elena mudou, transformando-se em um sorriso travesso. "Ele não vai nos esquecer tão cedo," ela disse. A luz do candelabro brilhou sobre seu ombro esquerdo, enquadrando-a na luz do arco-íris.

Matt desejou que tivesse algum modo de capturar a imagem dela para sempre. Havia algo em Elena — como se ela brilhasse nas beiradas — que ele nunca tinha visto em uma garota antes. Era como se a luz constantemente dançasse ao redor dela, como se em algum momento ela pudesse simplesmente desaparecer na luz. Diabos, ele pensou, eu posso simplesmente "ter uma dor de barriga" e não ser capaz de pedir *nenhuma* entrada, ele pensou. Então eu me recuperarei em tempo para a sobremesa ou algo assim. Mas por mim ela pode pedir a lagosta!

Agora ele estava ficando envergonhado, pensou. Ninguém estava dizendo nada.

"Você tem um bichinho de estimação?" Elena perguntou repentinamente.

"Hm." O primeiro impulso de Matt foi checar se havia pelos de cachorro em sua jaqueta ou algo assim. Então ele olhou para cima para encontrá-la sorrindo em seus olhos novamente.

"Bem, eu tinha uma velha Labrador Retriever," ele disse, lentamente. "mas ela teve câncer e — bem, isso foi há seis meses."

"Oh, Matt! Qual era o nome dela?"

"Britches," ele admitiu, sentindo-se corar. "Eu a batizei quando tinha quatro anos. Não faço absolutamente a mínima ideia do que eu estava tentando dizer."

"Eu acho que Britches é um nome perfeitamente respeitável." Elena disse. Ela tocou sua mão ligeiramente, com um dedo. Uma sensação de melado devagar e doce arrastou- se nele do toque dela

para suas veias, sustentando-o. Ele desejou que ela não retirasse seu dedo.

Ela não retirou. Ela disse, "Nós vivemos perdendo gatos. Margaret os traz para casa famintos, tia Judith trabalha como escrava para eles e então eles correm pela vizinhança—" Ela fez um gesto ligeiro e significativo.

Matt recuou. Ele tinha uma baixa tolerância para animaisa peludos sendo comprimidos, mas ele teria que agir todo machão sobre isso. "Gato au vin[9]?" ele sugeriu, fingindo servir um copo de vinho.

Os olhos de Elena lacrimejaram, mas sua boca gargarejou. "Tipo — um gato que foi atropelado por um... é, é mais ou menos desse tamanho."

Matt não conseguiu evitar rir, e então ele contou a história de como um ano Britches colocara suas patas no balcão e pegou um peru de Ação de Graças comido pela metade com sua boca e vagou pela sala da família segurando-o como um troféu. Elena riu e riu com isso. Ela riu também enquanto o garçom fazia sua salada Caesar ao lado da mesa deles, e contou uma história sobre a Snowball, que amava dormir em caixas ou em gavetas abertas, e que acidentalmente foi presa em uma quando era filhotinha.

"Os barulhos que ela fez!" Elena exclamou. Matt riu com ela. Ele achava que você tinha que ficar sentado prestando atenção e observando a salada ser misturada, mas não — Elena claramente tinha visto o bastante de tais apresentações. Ela aceitou seu prato com um alegre "Isso parece ótimo!" e um aceno de dispensa para o moedor de pimenta do reino fresca, como se tivesse feito isso sua vida toda.

Talvez ela tivesse. Talvez, saindo com tantos garotos... mas que diferença isso fazia? Hoje ela era *dele.*

Uma garota estava andando pelo aposento vendendo buquês de flores e rosas. Elena falava com Matt sem uma única vez olhar a garota. Não havia razão para fazê-lo — era um impulso estúpido — mas algo dentro de Matt explodiu quando ele viu a garota, que estava vestida como cigana, se afastar.

"Espera," ele disse. "Eu gostaria dessa." Ele gentilmente tocou uma rosa que estava quase desabrochada por completo. Era quase

toda branca, mas suas pétalas interiores tinham toques de rosa e as pétalas exteriores tinham uma cor que era quase dourada. O lembrava de Elena: sua pele, suas bochechas, seu cabelo.

"Muito bonita; escolha perfeita," a garota cigana disse. "Uma flor genuinamente florentina bem como Botticelli a pintou. E só quatorze dólares." Ela deve ter visto o olhar de choque de Matt — a rosa que ele comprara na floricultura tinha sido só cinco dólares. A cigana acrescentou rapidamente, "E é claro que vem sorte no amor — para cada um de vocês."

Elena estava abrindo sua boca, e Matt podia afirmar que ela ia mandar a vendedora de flores embora. Mas ele instantaneamente disse, "Isso é ótimo!" e ela fechou sua boca, e pareceu um pouco sóbria por um instante antes de sorrir.

"Muito obrigada," ela disse pegando a rosa, enquanto Matt se perguntava repentinamente se ele devia ter-lhe comprado todo um buquê — ele conseguia ver a placa na cesta agora, e eles eram só um dólar a mais, porque as rosas neles eram miniaturas — ou talvez uma rosa completamente branca para combinar com sua roupa. Deus, ele era idiota. Por que não comprar uma rosa vermelha para ela e fazer as cores se confrontarem por completo?

"Uma rosa florentina nova e de caule longe," a garota cigana disse "e sorte no amor dupla. Mostrem-me suas palmas, ambos vocês."

Corando, Matt fez o que ela pediu. Então ele foi acometido por risinhos. Ele sabia que não podia rir, nem alto nem baixinho — mas ele quase não conseguia conter. Ah, Deus, ele pensou, não me deixe soltar pum! Não agora, enquanto a cigana estava meditando sobre sua palma aberta, dizendo, "Hmm," e "Eu verr," e "Mas sim, é clarrro," e um falso sotaque francês.

Finalmente, ele deu uma espiada em Elena e pela sua mão sobre sua boca e seus olhos enrugados ele viu que ela estava tendo o mesmo problema, e isso imediatamente tornou isso duas vezes pior.

Finalmente, a cigana parou de murmurar e falou com Elena. "Você terá quase um ano de luz solar. Então eu vejo escuridão — haverá perigo. E no final, você irá vencer a escuridão e brilhar novamente. Cuidado com jovens morenos e pontes velhas."

Elena arqueou seriamente em seu assento. "Obrigada."

"E você," a mulher disse para Bonnie, ainda olhando para sua palma. "você achou a sua amada, metade criança metade mulher. Agora que você caiu no charme dela, nada o separará dela. Mas eu vejo uma escuridão no coração para você também, antes de seguir adiante. Você sempre estará pronto para colocar os interesses do seu amor antes dos seus próprios."

"Hm, obrigado," Matt disse, se perguntando se ela esperava que ele lhe desse gorjeta, mas ela disse, "Para poções, de amor ou de bruxaria, me visitem em Heron, na minha loja 'Amor e Rosas.'"

Ela deu a Matt um cartão e seguiu trotando com seus buquês.

E então Elena e Matt puderam rir tão histericamente quanto queriam, o que era bastante. Matt só se acalmou quando ele se lembrou que devia ter pego a rosa branca, para combinar com a roupa de Elena. Ele se sentia idiota. Mas Elena ainda ria.

"Meredith a teria rasgado em pedacinhos," Elena arfou finalmente. Uma escuridão antes de seguir adiante...' Mas rosa... é a coisa mais linda que eu já vi." "Sério?" Matt sentiu uma onda de alívio apaixonado que veio com uma risada meio tola. "Hm, melhor que a branca?"

"É claro." Elena acariciou sua bochecha com a flor. "Eu nunca vi outra como essa." "Estou tão feliz. Ela, bem, me lembra você."

"Ora, Matt Honeycutt! Seu galanteador!" Elena deu um tapinha gentil nele com a rosa, e então começou a acariciar seus lábios com ela.

Matt conseguia sentir outro ruborizar vindo, mas esse era por duas razões. Normalmente, haveria uma terceira, um constrangimento sobre como frasear o que ele precisasse dizer, mas essa vontade de entender as coisas era tão urgente que ele simplesmente disse, "Você me daria licença um momento, por favor?" e mal esperando pelo seu aceno gracioso, ele se apressou na direção do bar para achar um banheiro.

O banheiro masculino era bem no fim de um pequeno corredor. Matt entrou e foi para um boxe, puxou sua carteira e começou a calcular freneticamente.

Ei, relaxe, ele disse a si mesmo antes de começar. Você tem o bastante. Só não faça mais nada impulsivo como a rosa, e não planeje dar grandes gorjetas.

Agora, se ela pedisse, vamos dizer, o frango piccatta[10] com cogumelos — ele sentia que tinha o cardápio memorizado agora — isso daria $25. E então ele podia pedir de aperitivo os bolinhos de salmão, quer eram só $12. E então ele podia até pedir sobremesa e café, também, se ele cortasse as gorjetas ao mínimo.

"Volta pra lá e entretenha a tua minina," ele jurou que podia ouvir o tio Joe dizendo, enquanto ao mesmo tempo a sensação da bota no traseiro parecia vir de seu bolso traseiro. E era um bom conselho. O único problema era que o fazia querer dar uma olhada na nota de cem dólares, tocá-la para dar boa sorte, e olhar para ela para ter conforto.

Balançando sua cabeça para si mesmo, ele virou sua carteira de lado para expor o compartimento secreto e apalpá-la dentro.

E apalpá-la dentro.

E apalpou-a freneticamente dentro e ao redor, conseguindo quase virar a carteira do avesso.

Por fim ele teve que deixar as palavras emergirem em seu cérebro.

A nota de cem dólares não estava lá.

Tinha sumido.

TINHA SUMIDO.

Onde? Quando? Ele tinha visto por último quando estava brincando com sua carteira em casa, sonhando acordado com o encontro. Ele sabia que a tinha visto. O que poderia ter acontecido com ela?

Desesperado, ele procurou no resto de sua carteira. Nada. O resto de seu dinheiro estava lá; ele não fora roubado, mas... nada de nota de cem dólares.

Matt passou os próximos dez minutos na busca mais frenética e íntima de sua vida... buscando em si mesmo. Ele olhou em tudo. Ele poderia ter deixado escorregar numa meia? Poderia de algum modo ter sido levada com suas roupas sujas? Não. Nenhum outro compartimento, em qualquer lugar? Não?

Finalmente ele teve que admitir nada além do fato nu e cru. Os cem tinham sumido.

E o pior é que não tinha que acontecer dessa maneira. Havia um rumor de que Elena Gilbert nunca saia se não pagasse a metade.

Ela tinha realmente confirmado isso a ele quando ele tinha reunido coragem para gaguejar as palavras, "Você quer sair comigo no próximo sábado?" Ele se lembrava exatamente de como seus olhos azuis tinham se iluminado e como ela tinha dito, "Sim, mas eu sempre pago metade." E ele, o idiota dos idiotas, tinha enchido seu peito e dito, "Não dessa vez, você não paga."

Indo pelos ares com o próprio petardo[11]. O que quer que isso significasse.

Agora, o que fazer quanto a isso? Deus, o que ele *podia* fazer? A maior parte de seus amigos estava praticamente quebrado no outono — além do mais, era uma viagem de meia hora para eles. Sua mãe — ele olhou para o relógio e estremeceu. Eram depois das 21h — não era por acaso que aquele garçom estava tão bravo — e sua mãe estaria dormindo agora. Seu turno na padaria começava cedo.

Droga! Ele quase podia chorar. Isso era — como ele ia chegar em Elena e contar-lhe que não tinha dinheiro para pagar o jantar *quando eles já estavam comendo*? Ah, deus, ela não falaria com ele pelo resto da sua vida. E ele seria preso, trancafiado como um condenado... ou como quer que chamassem isso...

Ele não podia fazer isso.

Mas ele tinha que.

Simplesmente tinha que ser feito.

E dizendo isso a si mesmo, do jeito como um soldado na noite de sua primeira batalha diria, ele se forçou a marchar de volta para a mesa. Lá ele se forçou a sentar encarando Elena.

Ela estava tagarelando com bom humor. "Monsieur Garçon veio, mas eu o mandei embora. Ele vai voltar em—" Ela parou repentinamente, todo o seu jeito mudando.

"Matt, o que aconteceu?"

Matt abriu sua boca, mas nada saiu, nem mesmo a traça seca marrom que ele imaginava estar dentro. O que ele podia fazer? Eles ao menos lhe deixavam lavar pratos para compensar por não ter pagado uma refeição? Ou isso era apenas uma lenda urbana? Ele não conseguia imaginar Elena, com seu brilhante vestido azul da luz do luar, lavando pratos.

E se ele simplesmente deixasse a refeição ser concluída, e então tentasse dar uma palavrinha com o gerente em particular? As coisas

estavam apertadas nos arranjos domésticos dos Honeycutt agora, mas quando elas não estavam? Claro, sua mãe lhe emprestaria o dinheiro de manhã? Mas só de pensar em como o rosto do garçom ficaria e aquele plano foi varrido para debaixo do tapete. Além do mais, Elena ficaria humilhada. Elena! Seu perfeito anjo precioso ficaria-

"Matt, você está doente. Você está *congelando.* Precisamos chamar um médico."

Matt pestanejou, o mundo lentamente retornando ao foco. Ele podia simplesmente imaginar como estava: rosto azul-esbranquiçado, com mãos geladas e um tremor constante passando por ele. Diabos, talvez isso funcionasse. Talvez se ele agisse realmente doente-

"Eu perdi o dinheiro," ele se ouviu dizendo à Elena.

"Matt, você está delirando."

"Não, é verdade." Ele se encontroou despejando a história de seu tio Joe para ela, do jeito como ele tinha trabalhado para fazer esse encontro perfeito, e o terror que ele tinha se tornado. Ele observou enquanto o rosto de Elena tomava uma aparência diferente — ele não conseguia afirmar se ela uma boa aparência ou uma má. Era uma aparência de silêncio, solidão, sofrimento.

Finalmente, ele terminou a história.

Ele encarou a impecável toalha de mesa branca.

E então ele ouviu o som mais incrível. Ele teve que virar sua cabeça para ter certeza de que *tinha* ouvido.

Elena estava rindo.

Rindo dele? Não, rindo *com* ele, sua cabeça inclinado de lado e lágrimas de simpatia em seus olhos.

"Ah, Matt, olha o que você passou. O que você fez só para fazer tudo isso acontecer! Mas você pode parar de se preocupar agora. Eu devo te RO bastante para passarmos pela maré." Ela fez um movimento rápido e pegou a bolsinha que combinava com sua roupa azul. "Aqui, deixe-me ver — ah!" De repente ela estava mordendo seu lábio em decepção. "Eu esqueci; eu gastei tudo nessa bolsa e com maquiagem nova. Ah, eu *sinto muito*."

Aquele 'Sinto muito' era o bastante para fazer um buraco na lateral de Matt e descascá-lo. Mas novamente, ele ouviu uma risada

melodiosa e travessa. Ele olhou para cima vagarosamente, não se importando realmente com o que acontecia mais com ele.

"Matt, está tudo bem." Debaixo da mesa uma mão quente achou uma das dele e deu um aperto rápido. "Tudo vai ficar bem. Agora me escute, porque eu tenho um plano—"

Anos mais tarde ele aprenderia a desconfiar daquela frase "Eu tenho um plano." Mas essa era a primeira vez que ele a escutava. Então ele ouviu. E sua boca caiu aberta. E então continuou abrindo e fechando, como de um peixinho dourado.

"Você realmente acha que conseguiremos fazer isso?"

"Eu *sei* que conseguiremos, por causa dessa espaço vazio aqui." Ele apontou para o cardápio. Ele encarou.

Então, lentamente, ele olhou para cima para ela e sorriu.

"Está bem, agora limpe o seu rosto, porque você parece que acabou de correr uma maratona. Você perdeu seu guardanapo? Aqui, pegue o meu."

Tinha que ser sua imaginação, mas Matt realmente achou que conseguia sentir a fragrância dela no guardanapo. Ele se limpou bem em tempo do garçom voltar. Elena imediatamente entrelaçou seus dedos com os de Matt na toalha de mesa.

"O Monsieur et Mademoiselle finalmente decidirrram comerr aqui essa noite?" o garçom perguntou, expressivamente, olhando para Elena, que acenou, "Mademoiselle?" "'Madame,' *sil'l vousplait*," Elena disse docemente. "E eu gostaria de um sufê de chocolate, com duas colheres, *merci*."

"Mademoiselle—" O garçom parecia estar prestes a explodir.

"'Madame'" Elena o lembrou.

"Madame, você não pode — não pode—" O rosto do garçom estava vermelho tijolo. "Só que podemos," Elena respondeu em sua voz mais doce. Ela apontou para o cardápio. "Não há nada que diga que há um consumo mínimo por cliente."

"Isse," o garçom disse como se estivesse tentando manter sua atitude arrogante, mas estava inchado como um balão prestes a atingir o teto "é porque — é porque — porque a clientele que nós servime sabe disse sem que preciseme lhes dizer!"

Elena colocou seus dedos livres em seus lábios. "Monsieur, as pessoas estão começando a encarar."

O garçom se controlou, obviamente reunindo toda a dignidade em seu comando.

"E monsieur?" ele disse em uma voz como gelo, virando-se para Matt.

"Ah, hm, eu?" Eu gostaria de, hm, duas bolas de sorvete de baunilha. E duas colheres," Matt se achou dizendo, e contendo duas vontades iguais de sair correndo e dar gargalhadas histéricas. "Ah — e duas xícaras de café."

"Você quer—"

"Duas bolas de sorvete de baunilha." Matt estava com medo do garçom explodir. "C'est impossible..." murmurou o garçom, mas ele escreveu algo em seu caderno. A crise parecia ter acabado agora. O homem tinha ido de vermelho para pálido, e ele conseguiu se afastar dele sem detonar. "Irrrá levarrr mei hora para o suflê cozinharrr," ele disse, de costas para ele. "Enquanto isso... *Bon appétit!*"

Uma vez que ele se foi, Matt e Elena tiveram um colapso com risadas fora do controle.

"Ah, Deus, viu o *rosto* dele?" Elena arfou. "Aquele pobre homem — teremos que dar a ele de gorjeta tudo que sobrar. . ."

"Nada de gorjeta. Ele foi rude com você. Por mim ele não ganha gorjeta nenhuma, e eu vou pedir para ele 'ficar de fora' se acontecer de novo."

"Oh, Matt. Você realmente é um príncipe no cavalo branco. Mas posso te dizer uma coisa? Meu restaurante favorito é o Hot Doggles — sim, o lugar de cachorro quente lá em Fell's Church. E minha coisa favorita de se fazer em um encontro — agora, não quero soar assustadora -, mas eu gosto de andar pelo cemitério ou no Bosque Antigo à luz do luar. Eu — eu realmente não ligo para coisas chiques. Se eu gosto de um cara" — e aqui seus olhos pareciam estar dizendo algo que Matt mal podia se deixar acreditar — "Eu preferiria simplesmente ir nesse lugar e escutar música, ou levá-lo para jantar com a minha família." O resto é só—" Ela fez um gesto de indiferença com sua mão. "Só para os idiotas que eu tenho que aturar de vez em quando. Os atletas que precisam de protetores de testículos para seus cérebros." Ela jogou sua cabeça, para que seu lindo e ondulante cabelo dourado voasse de lado a lado.

Matt abriu sua boca e novamente nada saiu. Não havia nenhum

tio Joe para chutá-lo no traseiro.

Mas de algum modo havia. Apesar da nota sumida ele sentiu um chute, e palavras simplesmente caíram da sua boca, "Se eu soubesse que você era esse tipo de garota, eu teria te chamado para sair há muito tempo," ele revelou. “Eu achei que você fosse — algum tipo de princesa mimada.”

No minuto seguinte ele podia ter mordido sua língua. Mas Elena não estava brava. Ao invés ela disse tristemente, “Muitos caras acham isso. Eu acho que eu soui, sério. Eu sei do que eu gosto quando vejo. E eu quero o que quero quando eu quero." E novamente seus olhos disseram algo a ele. E dessa vez ele não conseguia evitar acreditar. E ele sabia que seus olhos estavam dizendo algo de volta para os dela também.

“Então foi por isso que você nunca me chamou para sair. Eu acho que eu devo endireitar as coisas.” Ela se sentiu e sorriu novamente, dessa vez brilhantemente, “E quando eu te levar nos nossos próximos três encontros—"

“Três encontros!”

Ela acenou solenemente. “Serão encontros em lugares como o Hot Doggles ou algo assim — já foi no Midge’s, bem na rua principal com a Hodge? É ótimo — e conversaremos e nos divertiremos. Quando a primavera chegar iremos fazer piquenique. Já soltou pipa? Eu sei que é para crianças, mas é realmente animador correr e correr e de repente sentir o vento morder. Então você solta.” Sua expressão ficou sonhadora. “Às vezes eu não quero soltar. Eu quero subir com a pipa.”

“Como saltar sem para-quedas,” Matt disse, observando o rosto dela avidamente.

Ele amava olhar para ela quando suas bochechas flamejavam e seus olhos azuis pegavam fogo.

“Ah, sim, como saltar sem para-quedas. Não seria divertido fazer isso juntos? Ou viajar de balão... ouvi dizer que eles fazem isso em Heron. Nós teríamos que economizar, contudo — no inverno podemos fazer pessoas de neve!”

“'Pessoas' de neve?”

“Ah, isso é coisa da Meredith. Ela diz que sempre dizemos ‘homem’ quando queremos dizer ‘homem e mulher’, então estamos

todos acostumados a dizer 'pessoas' para tudo agora. Eu quero que você conheça todas: Meredith, e Bonnie, e Caroline." Ela levantou um dedo com severidade. "Nada de sair com ela, contudo. Bonnie tem uma quedinha por você. Mas eu cheguei primeiro."

Matt não sabia onde estava indo. Ele não ligava, tampouco, porque parecia que eles se dirigiam diretamente para o Paraíso.

"Eu conheço Caroline há anos e mais anos," ele se ouviu dizer. "Eu achei que você fosse como ela, só que, tipo, multiplicada por dez." Então ele viu ela olhar para ele e quis bater sua mão na boca.

"Bem, as vezes eu sou," Elena disse. "Você simplesmente terá que descobrir de que maneira, não terá?"

Bem então a sobremesa chegou. Matt observou enquanto o garçom solenemente colocava um trocinho de chocolate na frente de Elena — e duas colheres, e duas bolas redondas de sorvete de baunilha na frente dele — e duas colheres. Então ele os serviu café, deitou uma pequena pasta com a conta dentro, e se virou nos calcanhares como se nunca mais quisesse vê-los novamente. Ele nem ao menos disse '*Bon appétit*.'

"Conseguimos?" Elena sussurrou enquanto Matt freneticamente calculava as gorjetas para o garçom e o valet.

"Com um dólar sobrando!" ele sussurrou de volta, e novamente eles deram risadas juntos.

Cada um queria deixar o outro dar a primeira mordida no suflê de chocolate. Finalmente para salvar o sorvete que estava derretendo, Matt pegou uma colherada de sobremesa, untou em uma das bolas derretendo de sorvete e sorriu para Elena. Então, enquanto Elena abria sua boca para perguntar se era bom, ele rapidamente levou a carga da colher para a boca dela e empurrou. Elena teve apenas uma fração de segundo para decidir. Ou comer a sobremesa ou ficar com suflê por todo o seu vestido da cor do luar. Ela tomou a decisão certa, quase tarde demais e na hora que largas gotas de branco amarronzado estava caindo da colher, foram seguramente pegas por um guardanapos que Matt estava segurando com sua outra mão.

"Eu posso ser teimoso também," Matt disse. E então, esperando que ela não estivesse brava, "É bom?"

"Deletioso," ela disse um tanto indistintamente, terminando com um gole d'água e um último punhado. Então, antes de Matt

saber o que estava acontecendo, um objeto aproximou-se do nada dele e aço frio tocou seus dentes. "Abra o bocão," uma voz suave cantou em seus ouvidos e ele rapidamente abriu o mais largo que pôde para receber o grande punhado grudento de grude delicioso de chocolate quente misturado com o doce frio sorvete de baunilha.

Ele tinha certeza de que parecia com um idiota enquanto estava sentado lá mastigando a gigantesca bocada, mas era tão bom, e Elena parecia tão satisfeita consigo mesma, se inclinando para frente como fez para cavoucar uma quantidade de grude de seu queixo tão cuidadosamente quanto um barbeiro.

"Tá maravilhoso," ele conseguiu dizer, limpando seu rosto com o único guardanapo a vista.

"É, não é?" Elena cintilou de volta. Então seu rosto ficou sério. "Não, não é."

"Não é?" O coração de Matt quase parou.

"É... perfeito!" E ela riu, mostrando dentes brancos e brilhantes apesar do chocolate. Matt só podia rezar para que seu próprio sorriso aliviado estivesse livre de grude.

"Sabe do que mais?" Elena disse, então, olhando para ele profundamente nos olhos.

"O quê?" Matt mal respirou.

"É melhor comermos tudo isso rápido antes que derreta."

E então eles o fizeram, rindo e alimentando um ao outro com uma mordida ocasional. A sobremesa estava maravilhosa, mas mais maravilhoso era o olhar nos olhos de Elena toda vez que Matt olhava para cima. É claro, ele teve dificuldade em acreditar naquele olhar, então ele teve que olhar para cima frequentemente. Isso resultou em um número de pequenos derramamentos de chocolate — felizmente, nenhum no vestido azul luz do luar.

Eles estavam bebendo o resto de seu café quando uma sombra se aproximou do ombro esquerdo de Matt. O que você quer agora? Eu paguei a conta, Matt pensou, mas não era o garçom.

Era um casal mais velho, talvez em seus sessenta. Ah, não, Deus! Matt pensou. Eles vão arruinar tudo reclamando do barulho, reclamando sobre quanto tempo Matt e Elena tinham ficado, ou reclamando sobre... *algo.*

"Nós estávamos observando vocês dois pombinhos," o homem

disse, em uma voz ligeiramente trêmula que fez Matt reajustar sua idade para talvez dez anos a mais. "E eu tenho que dizer—"

"— nos fez voltar diretamente ao nosso primeiro encontro novamente," a velha mulher disse em uma voz estriada que vez Matt reajustar novamente sua idade pata talvez setenta e muitos ou até oitenta. Normalmente ele gostava de velhinhos, amava ouvir suas histórias, amava ver seus velhos sótãos cheios de memórias. Mas agora ele tinha plena certeza que esse casal diria algo que tiraria todo o brilho do encontro, como esfregar asas de borboleta com dedos sujos.

"Você dois obviamente tem algo muito especial," a mulher estriou, sorrindo para Elena. "Você é uma jovem muito amável."

Elena corou charmosamente e não disse nada.

"E você, jovem," disse o cavalheiro, "obviamente tem algum dinheiro de sobra." Matt conseguiu sentir seu rosto ficar vermelho. Ele sabia que eles estragariam isso. Eles estavam zombando dele.

"Ou até para pisar em cima, de qualquer jeito." O velho acenou na direção do sapato de Matt. "Você percebeu que tem uma nota presa ali?"

Tudo ficou letárgico e confuso. Lentamente, com uma névoa escura obscurecendo a maior parte de sua visão, Matt levantou um pé e então o outro, olhando para as solas.

E ali, no solado de seu pé direito, estava a nota de cem dólares.

Era quase como uma mensagem — uma piada — do velho tio Joe. *Você acha que eu realmente ia ti deixar desamparado, garoto? Nem. Mas o caminho para o coração dessa garota não é através de bajulá-la com ostentação* — sim, tio Joe realmente dissera isso: "bajulá-la com ostentações." *É mostrando a ela o teu próprio coração. O que, agora vai fazer bico? Só dê uma olhada nela!*

Matt olhou através da turvez para o rosto brilhante de Elena.

"Eu — eu sinto tanto," ele conseguiu dizer. "Deve ter caído quando eu abri a carteira pela primeira vez e então eu pisei nela e então eu não consegui ver — mas -tudo pelo que eu te fiz passar—"

"Matt, não é maravilhoso?" Elena dizia. Havia lágrimas em seus olhos. "E obrigada, senhor, por notar isso antes que fôssemos lá fora e ficasse tudo enlameado."

"Para te dizer a verdade, eu teria mencionado isso antes," o

velho cavalheiro sussurrou. “Mas vocês dois estão indo tão bem sozinhos — nós estávamos na cabine logo aqui” — ele indicou a cabine atrás dele — “que eu não consegui me forçar a estragar o sonho.”

Estragar o sonho.

E era isso o que isso tinha sido na verdade — um encontro dos sonhos.

Matt olhou para Elena e Elena olhou de volta e então ela riu e abraçou o velho. “Obrigada,” ela disse. “Obrigada por não estragá-lo. Eu estive aqui nesse restaurante” — Elena deu de ombros — “uma vinte vezes, mas hoje à noite foi a melhor.”

“E eu digo que qualquer garoto que possa surpreender uma garota enquanto a alimenta só de pão, alface e chocolate, deve ter algo especial.” O velho deu gargalhada, olhando para Elena com apreço. “Grude nesse, minha querida.”

“Obrigada,” Elena disse novamente, e ela acrescentou, “Eu acho que irei.”

E ela tomou a mão de Matt e a segurou todo o tempo que levou para perguntar ao motorista do serviço de valet se ele tinha troco para cem dólares.

Continua...

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Juliana Dias (Comunidade Traduções de Livros)

[1] Marca de salgadinho.
[2] Posição ofensiva no futebol americano, que é geralmente responsável por carregar a bola no jogo.
[3] Esporte realizado com um pára-quedas amarrado a um caminhão (ou barco) e puxado por ele levantando o desportista no ar.
[4] Posição defensiva no futebol americano, geralmente os últimos na linha de defesa, cujo objetivo é bloquear os jogadores do time adversário e pegar passes.
[5] Uma universidade.
[6] Partida anual de futebol americano colegial disputada perto de Miami.
[7] Jogo de palavras, já que waiter, garçom em inglês, vem do verbo wait, que significa esperar.
[8] New York Strip Steak (corte especial de contra-filé grelhado).
[9] Trocadilho com 'coq au vin', prato típico da culinária francesa, feito à base de carne de galo (coq) e vinho (vin).
[10] Prato feito com peito de frango, alcaparra, limão e vinho branco.
[11] Frase da peça Hamlet, de William Shakespeare.